

# ANTROPOLOGIA VISUAL E ESPAÇOS PERIFÉRICOS DA CIDADE DE MACAPÁ, AMAPÁ: OCUPAÇÕES, DIREITO À CIDADE E DISPUTAS TERRITORIAIS

## VISUAL ANTHROPOLOGY AND PERIPHERAL SPACES IN THE CITY OF MACAPÁ, AMAPÁ: OCCUPATIONS, THE RIGHT TO THE CITY AND TERRITORIAL DISPUTES

Edmundo Simão Matos dos Santos<sup>1</sup>  
Luciano Magnus de Araújo<sup>2</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa teve como proposta mapear, registrar e compreender as modalidades de usos dos espaços urbanos da cidade de Macapá, Amapá, a partir da perspectiva das discussões sobre o direito à cidade, de registros fotográficos e audiovisuais, observando e problematizando como o recurso das ocupações é desenvolvido. Ocupar pode ser um ato deliberado pela carência, mas pode ser também explorado sob a perspectiva de quem está, ainda que a partir reconhecimentos dos documentos oficiais, situado num ponto específico do espaço urbano, construindo lugar de morada e habitação. A carência de um equipamento de habitação pode ser um dos indicadores de estar ali sem o aval das instituições de Estado, das ocupações ditas invasões; no entanto, ocupar um espaço, pode ser ampliado e entendido como um ato político sobre os usos dos espaços, ainda que as representações desses atos venham a ocupar as zonas periféricas, ou mais distantes de um centro, da cidade com a força do capital de alguns grupos ou por força das necessidades básicas como característica de um indicador de cidadania não resolvido. Os processos metodológicos para desenvolvimento da presente pesquisa estão situados, dentre outras referências apontadas ao longo do texto, no trabalho etnográfico com usos de recursos visuais, a partir do aporte da antropologia visual (Andrade, 2002) e da etnografia de rua (Eckert; Rocha, 2013). A dinâmica da pesquisa encaminha identificar alguns espaços periféricos da cidade de Macapá, atualizando o próprio conceito do que é periferia e centro (Ritter; Firkowski, 2009). Em termos de resultados e conclusões, respectivamente, observamos nos registros fotográficos as disparidades sobre as ocupações dos espaços urbanos periféricos. As fachadas das habitações e a própria área no entroncamento das redidências demonstram ser indicadores importantes para problematizações sobre quem ocupa, como ocupa, como significa o espaço urbano. E nesse sentido o recurso visual repercute como meio instigante para se pensar a disputas sobre a cidade em termos históricos, estruturais, políticos e antropológicos sobre a cidade.

**Palavras-Chave:** ocupação; direito à cidade; antropologia visual.

### ABSTRACT

This research aimed to map, record and understand the types of uses of urban spaces in the city of Macapá, Amapá, from the perspective of discussions on the right to the city, photographic

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em Sociologia, Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: [edmundosimao.ap@gmail.com](mailto:edmundosimao.ap@gmail.com) Membro do NAIMI-UNIFAP.

<sup>2</sup> Antropólogo, mestre em Ciências Sociais. Docente da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Coordenador do Núcleo de Estudo e Pesquisas em Antropologia Visual, da Imagem e Som, Memória e Identidades (NAIMI-UNIFAP). Site: <https://naimi-unifap.blogspot.com/> E-mail: [proflucianounifap@gmail.com](mailto:proflucianounifap@gmail.com)



and audiovisual records, observing and problematizing how the resource of occupations is developed. Occupying can be a deliberate act due to need, but it can also be explored from the perspective of those who are, even based on official document recognition, located in a specific point of the urban space, building a place of residence and habitation. The lack of housing equipment can be one of the indicators of being there without the approval of state institutions, of occupations called invasions; however, occupying a space can be expanded and understood as a political act regarding the uses of spaces, even if the representations of these acts come to occupy the peripheral areas, or those further away from a city center, with the force of the capital of some groups or by force of basic needs as a characteristic of an unresolved indicator of citizenship. The methodological processes for developing this research are situated, among other references mentioned throughout the text, in ethnographic work using visual resources, based on the contribution of visual anthropology (Andrade, 2002) and street ethnography (Eckert; Rocha, 2013). The dynamics of the research aim to identify some peripheral spaces in the city of Macapá, updating the very concept of what is periphery and center (Ritter; Firkowski, 2009). In terms of results and conclusions, respectively, we observed in the photographic records the disparities in the occupation of peripheral urban spaces. The facades of the houses and the area inside the residences themselves prove to be important indicators for problematizing who occupies, how they occupy, and what urban space means. And in this sense, the visual resource has repercussions as an instigating means of thinking about disputes about the city in historical, structural, political, and anthropological terms.

**Keywords:** Occupation; right to the city; visual anthropology.

## INTRODUÇÃO

Caminhar pela cidade, explorar seus espaços demanda e repercute sentidos, processos e entendimentos diversos e ricos. Definir contextos específicos para explorar o espaço urbano constitui não recusar ver a cidade em sua amplitude (ainda que em menores contextos dos espaços urbanos) e suas complexidades.

Os movimentos e efeitos de construir a cidade, conceber seus contornos e internalidades, os espaços, os lugares, sua face ocupada, os valores estabelecidos, as especulações contingentes, os possíveis estigmas de estar, em ocupar-estar em meio a urbanidade, de alguma forma isso tudo e mais alguns elementos como exclusão, acessos, carências e luta pelo direito à cidade fazem parte da pauta de quem vive o espaço urbano. (Mello, 2014; Carlos, Souza, Sposito, 2019; Lefebvre, 2016).

A cidade é um ente complexo que aglutina outras entidades complexas em suas dinâmicas, desejos, fracassos, sucessos e potencialidades. Por ser um lugar de pessoas, ainda que nem sempre construída para todas as pessoas, a cidade resguarda todos os aspectos da natureza humana. É sua imagem e semelhança.



Pensar a cidade sob a perspectiva da construção das formas de habitar e ocupar os espaços permite conceber uma investigação sobre as condições estruturais com as quais os indivíduos conseguem deixar suas marcas na forma mais própria da intimidade. O lar, a casa, a habitação são indicadores do estar do mundo. Não ter uma habitação é não saber para onde voltar no movimento incessante da cidade, não ter um lugar próprio para os arranjos domésticos, os vínculos, as sociabilidades. (Sennett, 2018; Almeida, D'andrea, Lucca, 2008).

O que seria isso que ainda assombra as observações sobre a qualidade de vida na cidade? Como vivem as pessoas nos bairros e localidades periféricas? O que está sendo feito para diminuir as distâncias entre aqueles que possuem melhores condições de viver a cidade e aqueles outros que vivem a cidade pela força de muito custo, criatividade e suor? Como diz Marion Segaud (2016, p. 31), é preciso estudar o “mal-estar dos moradores dos bairros periféricos”.

Na esteira desses questionamentos temos possíveis encaminhamentos a serem explorados mais adiante: a pesquisa sobre a cidade repercute desafios sobre o que vem a ser a democratização de condições que sejam amplamente vivenciadas em termos de qualidade de vida (mobilidade, empregabilidade, lazer, segurança, educação, moradia, dentre tantos outros recortes).

Os resultados dessas pesquisas devem ser os insumos para se criar ações, estratégias, condições planejadas para melhoramento das pessoas que vivem os espaços urbanos. Mas nem todos são atendidos com as políticas institucionais sobre a cidade.

Quem vive em bairros e localidades periféricas dos espaços urbanos, sob a carência muitas vezes dos elementos básicos para que se possa observar a qualidade de vida, nem sempre se vale de disposições associativas, em caráter coletivo de intenções, não vê apoios institucionais que possam garantir a realidade desses elementos básicos no contexto da cidade. E nisso repercutem contingências econômicas, subjetivas, materiais, simbólicas, significativas para se pensar as relações dos cidadãos e a cidade a qual estão ligados.

Os desdobramentos da pesquisa realizada se situam na iniciativa de ver os desafios da vida na cidade por meio das formas de habitação, a partir de recortes



teóricos, mas fundamentalmente prestigiando aquilo que registros fotográficos podem evidenciar sobre arranjos habitacionais no enquadramento de suas fachadas, formas de construção e maneiras de fincar os alicerces dessas habitações em contextos diferentes da periferia da cidade de Macapá.

Alguns bairros ou localidades foram espaços de pesquisa, não todos dentre os que podem ser identificadas como periferias urbanas de Macapá, Amapá, dentre eles Fazendinha, Congós, Rodovia Norte-Sul, as imediações do Canal do Jandiá e o Curiaú.

Para efeito, a pesquisa continua com o objetivo de mapear outros espaços da cidade de Macapá no sentido de compor um vasto acervo de registro sobre formas de habitar e suas relações com disputas territoriais e processos de ocupação e significação dos espaços urbanos.

Importante frisar que os resultados no presente artigo cumprem parte do processo da pesquisa, que terá continuidade, ampliando o escopo do campo observado. Nesse sentido, o reforço pela ampliação dos recortes de pesquisa, em outras localidades do município de Macapá, registrando fotograficamente (ou até mesmo em forma audiovisual) possibilitará na sequência a construção de um quadro mais ampliado sobre imagens e acervos imagéticos que documentem não apenas o presente, mas as mudanças das feições da cidade ao longo do tempo. O interesse permanecerá na disposição de problematizar como os espaços periféricos da cidade de Macapá podem ser encarados como novas centralidades, ainda que existindo em meio a precariedades, mas ressignificando categorias como centro-periferia à medida que os indivíduos dispõem suas marcas no lugar que se identificam ou constroem essas identificações em processo (Carlos, 1996).

Em termos gerais, o objetivo da pesquisa é mapear e compreender como as ocupações de periferias urbanas da cidade de Macapá definem certos tipos de entendimentos e modelos de ocupação. Além disso, a disposição é de descrever os processos de ocupação do espaço urbano em alguns espaços periféricos de Macapá, Amapá, analisando como essas ocupações espaciais fomentam representações, estigmas, identidades sobre o lugar, o habitar, ou ocupar. A disposição, portanto, é de identificar a partir de registros visuais e audiovisuais a diversidade de maneiras de habitar e ocupar, descrevendo maneiras de estar no espaço urbano e gerar discussões



a partir de registros visuais na busca por eventuais depoimentos sobre atos de ocupar os espaços da cidade. Nesse momento da pesquisa, os registros de fachadas das formas de habitações serão os meios de observar e entender sobre as formas de ocupar e estar na cidade.

## **METODOLOGIA**

Os processos metodológicos para desenvolvimento da presente pesquisa foram situados no trabalho etnográfico com usos de recursos visuais, a partir do aporte da antropologia visual (Andrade, 2002) e da etnografia de rua (Eckert; Rocha, 2013). A dinâmica da pesquisa prevê identificar alguns espaços periféricos da cidade de Macapá, atualizando o próprio conceito do que é periferia e centro (Ritter; Firkowski, 2009).

Nesse sentido, as periferias e centralidades foram lugares identificados na busca por construções de tipologias de ocupações dos espaços urbanos, a partir do recurso fotográfico como forma de registrar as feições do espaço urbano ocupado e transformado. Essas tipologias de construções têm como objetivo reconhecer e registrar fotograficamente diversidades de formas de habitar e ocupar os espaços da cidade. O recurso visual (e eventualmente o audiovisual em outras fases em continuidade da pesquisa) foi de suma importância para descrever, ilustrar, documentar os aspectos e feições dessas urbanidades em processos, suas legitimidades, reconhecimentos e representações.

No primeiro momento, o movimento foi de definir os espaços periféricos da cidade de Macapá visitados nos trabalhos de campo.

No segundo momento, na abordagem das andanças etnográficas e da etnografia de rua, observou-se as habitações e suas particularidades estéticas, criativas, conjunturais, econômicas, como indicadores para fazerem parte dos registros compondo o acervo de imagens. Nesse mesmo momento foram potencializadas conversações com moradores e possíveis colaboradores na pesquisa sobre suas condições de moradia; ainda que o presente trabalho tenha como demanda principal o trabalho com imagem das habitações e a ocupação dos espaços habitados.



No terceiro momento, depois da captação das imagens e a montagem do acervo imagético, seguiu-se o momento de exploração das imagens enquanto recursos norteadores para problematizar as maneiras sociais das formas de habitar e ocupar o espaço urbano. As autorias das imagens são dos nomeados participantes da pesquisa, autores do presente texto, compondo, portanto, o banco de dados da presente discussão e de desdobramentos.

Por fim, no quarto e último momento, um balanço com resultados da pesquisa e suas discussões em forma de tentativa de síntese.

## RESULTADOS

Viver a-na cidade é atualizar o desafio de aprender a perceber e estar em meio a variadas formas de olhar os espaços. A cidade se descortina e se mostra por suas espacialidades, por aquilo que pode ser mais específico, mas também por sinais recorrentes dos aglomerados urbanos.

Nem sempre os espaços urbanos são contextos explícitos para quem vive a cidade. O desafio de viver a cidade também é uma demanda por vê-la em suas particularidades, permitir-se explorá-la. Esse exercício de percepção sobre o urbano exige ver, para além das categorias conceituais de bairro, lugar, periferia, ocupação, invasão, explorar essas dimensões *in loco*. Essas unidades representam possibilidades de investigar os contextos urbanos a partir de elementos dinâmicos, contingentes, orgânicos.

Pensar o bairro e o lugar como condições de ligação e pertencimento podem ser requisitos importantes quando se leva em consideração os laços de proximidade, certa organicidade da vivência e nas convivências com problemas, contingências e arranjos possíveis nas dinâmicas cotidianas. O bairro como contexto que pode reunir demandas e particularidades que não necessariamente seria de amplo ou total conhecimento de todos os habitantes de específico recorte espacial da cidade. Ainda assim, é fundamental observar o bairro, essa circunscrição geográfica e afetiva, recortada por aspectos que particularizam formas de viver e ocupar o espaço urbano.

O lugar, por sua vez, enseja perceber contextos significativos sobre o espaço



urbano, certo lugar da cidade e seus simbolismos, a força dos pertencimentos criando laços e enredos nas vidas dos cidadãos. O lugar é onde a vida na cidade alimenta seus sentidos (individuais ou coletivos) de lembranças, eventos, dramas, ou seja, a experiência humana orgânica, histórica e contextual.

Os estudos sobre periferia tendem, ao menos, a três encaminhamentos teóricos: primeiro, ver a periferia como espaço distante de certa centralidade urbana, e por isso possuidora de certas características (Feltran, 2012; Carlos, Souza, Sposito, 2019); segundo, o conceito de periferia definindo contextos variados do que é estar-ocupar-viver o espaço urbano em meio às carências estruturais, definindo práticas e arranjos peculiares às condições materiais, estruturais e simbólicas de seus habitantes (Segaud, 2016; Carlos, Volochko, Alvarez, 2018); terceiro, certa constante redefinição do que é periferia ou até mesmo o surgimentos de outras centralidades onde antes se via espaços periféricos, característicos por um conjunto de equipamentos que desconstrói o protagonismos das até então centralidades consagradas (Ritter ; Firkowski, 2009).

Pensar as ocupações e invasões é situar a discussão no âmbito das dinâmicas urbanas, mas também no cenário de discussões que tratam da cidade como ente político. Nesse sentido, cabem algumas questões norteadoras: a quem pertencem os espaços da cidade? A quem pertencem os espaços da cidade quando não repercutem sua função social, nesse caso, habitacional? Resolver o necessário e urgente fundamento não apenas do entendimento da propriedade privada, mas do uso social da terra urbana, como equacionar essas demandas? Nesse sentido, as periferias urbanas contextualizam um conjunto de indicadores importantes de serem observados. O tema invasão de terras tem sido discutido a partir de uma carga negativa de considerações quando se observa a dita intocável propriedade privada. Os entendimentos desses processos sociais muitas vezes não levam em consideração que as invasões compõem dinâmicas da vida social. Sobre argumentos que defendem aspectos jurídicos que enquadram as invasões no contexto da criminalidade, é importante situar o que depõe em favor de terras urbanas serem alvo de movimentos de invasão (como definido pelos mesmos poderes e interesses estigmatizantes na balança de forças) à revelia da lei, enquanto demanda na agenda dos contingentes populacionais que ao mesmo tempo



agenciam suas necessidades e carências habitacionais e também conferem algum tipo de nível de especulação sobre potenciais posses do solo urbano.

Sobre o aspecto das ocupações, é importante observar sob a perspectiva do uso social da terra enquanto entendimento repleto de contextualizações e determinantes. Quando se aborda o uso social da terra é preciso ter em mente qual o valor da terra, nesse caso a terra urbana, para além da perspectiva exclusiva do valor econômico, mas também se essa territorialidade urbana pode ser reconhecida por algum grau de produtividade, ocupação, uso, simbolismo e pertencimento (sob a ótica de quem se vê ligado a terra, construindo laços de historicidade e organicidade com a terra). Esses indicadores para quem vive o espaço da cidade por via das ocupações logo são significados pela construção das casas, suas feições, suas particularidades, ainda que em condições estruturais precárias. E nesse ambiente de ocupação é importante observar a força do coletivo agindo em certa unidade, na definição de cada lugar, sem ainda necessariamente situar o que é uma propriedade privada em meio a muros, cercas, mas cada habitação definindo um pedaço do solo ocupado no caminho da significação do pertencimento a pouco mencionado. É na força dessa ação coletiva que a ocupação toma forma.

Entender esses aspectos não equivale a dizer que estamos contra ou a favor das invasões ou ocupações, mas, sim, pensando sobre o quanto essas dinâmicas estão nas agendas dos coletivos que não cumprem uma participação real nas decisões daqueles que definem os encaminhamentos sobre os usos do solo urbano.

## DISCUSSÕES

A cidade em suas formas nos permite ver aquilo que estabelecemos nos trânsitos cotidianos, no que é mostrado nas manchetes dos meios de comunicação, no que está onipresente nas redes sociais. Ver a cidade também é uma escolha. Caminhar pela cidade, na busca por captar imagens, representações das formas de habitação permite ao mesmo o exercício da etnografia de rua aos moldes do que Eckert e Rocha (2013, p. 23) discutem em *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*:



Segundo advogamos na pesquisa sobre memória coletiva, narrativas e formas de sociabilidade no mundo contemporâneo, a técnica de etnografia de rua consiste na exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas em que o pesquisador está atento as variações das formas de ocupação do espaço, dos jogos de interação social e tensões nos territórios vividos. A intenção não se limita, portanto, apenas a retornar o olhar do pesquisador para a sua cidade por meios de processos de reinvenção e reencantamento de seus espaços cotidianos, mas capacitá-lo às exigências de rigor nas observações etnográficas ao longo de ações que envolvem deslocamentos constantes no cenário da vida urbana.

Portanto, nessas caminhadas o que a cidade deixa ver também repercute da perspectiva do olhar do sujeito em processo de pesquisa, a partir das demandas de viés etnográfico, das suas sensibilidades teóricas e metodológicas e da própria natureza das vivências do-sobre os espaços urbanos. A cidade vista em suas paisagens é o desafio para o olhar.

Ainda segundo Eckert e Rocha (2013, p. 54-55), em *Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana*:

Se o método etnográfico se compõe de inúmeros procedimentos, entre eles levantamento de dados de pesquisa probabilística e quantitativa (demografia, morfologia, geografia, genealogia etc.), a observação direta é, sem dúvida, a técnica mais apropriada, seja para investigar os saberes e as práticas na vida social, seja para reconhecer as ações e representações coletivas na vida humana. Ela comporta perceber contrastes sociais, culturais, e históricos. As primeiras inserções no universo de pesquisa, conhecidas como “saídas exploratórias”, são norteadas pelo olhar atento ao contexto e a tudo o que acontece no espaço observado. A curiosidade é logo substituída por indagações sobre como a realidade social se constrói.

Esse olhar atento e curioso permeou a presente pesquisa, naquilo que foi possível caminhar, olhar, registrar. Num momento posterior analisar os registros como representações da cidade ocupada, vivida, contruída, ativa em suas mais diversas formas e feições.

A diversidade dos registros, os enquadramentos, aquilo que o olhar por meio do dispositivo de captação de imagens, seja uma câmera profissional, seja o celular, participam como ferramentas importantes para que as experiências de campo ao longo



do trabalho externo, também, colabore para o momento do trabalho de escolha dos registros que irão compor a etnografia visual. Segundo Mariana Leal Rodrigues, no texto *Entre registros e a narrativa: alguns desafios da antropologia visual experimentados em uma pesquisa etnográfica* (2015, p.158-160), aponta que

O processo de registro audiovisual [e diria fotográfico] e a montagem de narrativas fílmicas [ou fotográficas] (...) nos fornecem elementos bons para pensar como tais recursos podem renovar as formas de antropologia comparada e criar um canal para a responsabilidade pública dos antropólogos.

A autora ainda diz:

O registro audiovisual é um material etnográfico de extrema riqueza, possibilitando o compartilhamento da informação visual e, também, a revisão de detalhes que não parecem relevantes num primeiro momento. É uma forma de guardar a experiência de campo com uma tal precisão que nem mesmo as mais minuciosas anotações permitiriam pois há fidedignidade nas falas e ações registradas.

Nesse ponto chamamos mais uma vez o destaque que ainda que a autora acima faça maiores referências aos materiais audiovisuais, a fotografia possibilita resultados bem próximos àqueles oriundos das imagens em movimento, ainda que ensejem possibilidades exploratórias e analíticas diversas. As potencialidades dos registros visuais, fotográficos, podem ser situadas no entendimento de produzir recortes temporais, memórias visuais, dispositivos narrativos com potenciais de dizer, contar, narrar, sintetizar recortes sobre lugares e espacialidades, em se tratando da cidade e seus arranjos habitacionais ou de ocupação dos espaços urbanos.

O exercício do uso da fotografia reperture, portanto, um meio de observar contextos, processos em desdobramento, criando assim vias para interpretações e leituras que potencializam e aproximam a pesquisa da verossimilhança do mundo. Nesse sentido, é importante destacar que toda imagem produzida é resultado de uma visão de mundo, resultado de um enquadramento, de uma escolha, de um repertório acessado e expresso pelo produtor do registro ou obra visual ou audiovisual. A natureza da linguagem visual é a expressão das demandas da relação do mundo



interior de quem vê o mundo lá fora, que provoca e possibilita suas seletivas relações em sínteses.

Os registros fotográficos abaixo ilustram essas andanças e observações sobre feições da cidade.



R. vila Operária, Fazendinha - Macapá, 20 de Setembro de 2024.  
Arquivo de pesquisa.



Av. Manoel Chaves de Melo, Fazendinha - Macapá, 20 de Setembro de 2024.  
Arquivo de pesquisa.

As percepções dos contratantes é um exercício importante quando se está explorando a cidade em suas visualidades e formas no espaço. A cidade revela suas feições, nos arranjos possíveis do que o habitar promove sobre ser-estar e seus desafios analíticos.



R. Nova da Praia, Fazendinha - Macapá, 20 de Setembro de 2024  
Arquivo de pesquisa.



R. Antônio Mota Bastos (Ponte do Apertadinho) Fazendinha - Macapá, 20 de Setembro de 2024.  
Arquivo de pesquisa.

A cidade vista, em processos de treinar o olhar sobre os arranjos de fachadas de residências, equipamentos e comércios mostram maneiras diversas sobre como a vida urbana ocorre. Nesse sentido, importante destacar que o andar, na curiosa contemplação das paisagens habitacionais, por vezes revela uma cidade estruturada, por outras vezes repercute imagens das carências estruturais ou arranjos possíveis diante das condições econômicas dos cidadãos. Seja em casas completamente de alvenaria, sejam nas casas híbridas (alvenaria e madeira), ou apenas em madeira, o que temos são formas diversas de viver a cidade, evidências do direito à cidade e suas repercussões, certamente.



R. Nova da Praia, Fazendinha - Macapá, 20 de Setembro de 2024.  
Arquivo de pesquisa.



R. Caetano Dias Tomás, Fazendinha - Macapá, 20 de setembro de 2024.  
Arquivo de pesquisa

Compete a(o) pesquisador-pesquisadora, no privilégio de viver e ver a cidade, se deixar levar naquilo que a cidade revela. As mais diversas formas de habitação, vistas a partir das fachadas das habitações são registros de lugares da cidade que podem ser encarados diante de variáveis de acessos, poder econômico, presença ou ausência do poder público, iniciativas coletivas e ainda os resultados onipresentes da especulação imobiliária.



Bairro de Fazendinha, região sul de Macapá.  
Arquivo de pesquisa.





Curiaú, zona norte de Macapá.  
Arquivo de pesquisa.

Em meio àquilo que é possível observar, registrar e analisar, seja em lugares de terra firme, seja em localidades alagadas, a cidade assume características da ação de seus habitantes.

Em equipamentos habitacionais relativos a programas governamentais ou empreendimentos oriundos do capital privado, temos também formas de ocupação do espaço urbano que por vezes definem e atualizam maneiras sobre como a cidade é construída e para quem é construída.



Residencial Janary Nunes (em obra), 259 R. Vila Operária, Fazendinha.  
Arquivo de pesquisa.



Proximidades do Canal do Jandiá. Visão do Rio, Amazonas para a cidade. Zona leste de Macapá. Arquivo de pesquisa.

Nas periferias urbanas, certamente, é possível ver uma maior diversidade de arranjos habitacionais. Nesse contexto, a esfera dos direitos à cidade repercute de forma importante como a cidade é vivida. Segundo Andrade (2019, p. 93)

A ideia de direitos, acionada em momentos estratégicos, é fundada na moralização de um sujeito político que disputa com outros ordenamentos sociais a legitimidade sobre determinado espaço cujas dinâmicas devem ser estudadas caso a caso.

O que basicamente argumento é que as práticas urbanas e populares de direitos são extremamente vinculadas ao universo pessoal dos demandantes, construídas por seu universo familiar e confirmadas nas suas andanças pela cidade. Além disso, a reivindicação do direito à cidade se constitui no imaginário dessa população e na constituição física de seus *bairros* e casas através de três dimensões, também mediadas por uma esfera pessoal e familiar dessas pessoas.

Nesse contexto está a dimensão humana, fazendo, refazendo, modificando, adaptando, ocupando o espaço urbano a partir de condições, estratégicas e articulações. A cidade é o resultado incessante da luta de sujeitos por quererem fazer parte dessa cidadania urbana, ainda que nem sempre consigam, ao menos em igualdade de condições. A natureza dessa disputa por um lugar que possa ser significado, apropriado, entendido como lugar de vida é a tônica do que se pode



observar nas formas dinamizadas pelos indivíduos e coletividades nos mais diversos contextos da urbandade.

A periferia urbana realiza as variações estratégicas, contingentes da vida, mas além disso, resolve o que é uma discursividade e visualidade sobre o que é urgente, necessário, desigual em comparações possíveis com outros cenários próximos ou mais distantes.



Ocupação Terra Prometida – Rodovia Morte-Sul, zona norte de Macapá.  
Arquivo de pesquisa.



Ocupação Terra Prometida – Rodovia Morte-Sul, zona norte de Macapá.  
Arquivo de pesquisa.

De toda forma a cidade cresce, os espaços são ocupados, as habitações, enquanto formas e referências da ocupação humana nos contextos da cidade, mostram suas possibilidades e convenções. A força humana para a mudança de cenários repercute nas imagens sobre a cidade. As variáveis para se observar a cidade nesses processos ensejam também participar da vida urbana, acompanhar o que ocorre.



Rua Nova da Praia, fazendinha – Macapá.  
Arquivo de pesquisa.



Bairro do Congós.  
Arquivo de pesquisa.

## CONCLUSÕES

A pesquisa se desdobrou num contexto de rua e caminhadas, reconhecimento e descobertas sobre cenários de periferias da cidade de Macapá. Como um exercício de pesquisa de campo, de etnografia de rua, de produção de acervo fotográfico sobre fachadas de casas (e eventualmente de equipamentos outros registrados em meio às andanças) em localidades periféricas da capital amapaense foi possível vislumbrar alguns aspectos sobre a cidade.

Em perspectiva sobre os encaminhamentos da pesquisa: em primeiro lugar, ver a cidade possuidora de dinâmicas e possibilidades, a cidadania repercute desafios para a vida nos contextos urbanos diante de, na cidade, conviverem variadas contigências. Em segundo lugar, pensar que as periferias são diversas, mostrando-se diferentemente em seus aspectos a partir da estética urbana. As imagens captadas revelaram diversas feições da cidade que, vistas pela perspectiva da leitura sobre a própria dinâmica das transformações do espaço urbano, nos enseja a refletir sobre o que as forças que constroem a cidade podem fazer em arranjos e condições. Em terceiro lugar, observar que essa mesma cidade dinâmica e diversamente construída e representada, também é cenário de formas de vida e sínteses da própria cidade que nos permite supor movimentos futuros.

Nesse sentido, olhar a cidade sempre será um exercício de duração, ou seja, acompanhar a cidade em suas transformações. A natureza dessa dinâmica contribui para a definição de campos e recortes de pesquisa, permitindo planejamentos de ações de investigação. Termos vivenciado diversos contextos periféricos da cidade de Macapá a partir dos recursos da fotografia e da etnografia de rua nos possibilitou não exclusivamente ver a cidade sob parâmetros da imagem captada e construída, mas de forma comparativa perceber nuances da cena urbana em suas particularidades. O próprio planejamento da pesquisa tinha como meta as perspectivas de olhar-captar-problematizar. E nesse sentido os registros fotográficos compõem um conjunto de recursos potenciais para entender aspectos da vida urbana.

Na mesma medida em que o planejamento da pesquisa orientava para idas a



campo como via de desbravamentos foi possível vivenciar dificuldades nos acessos seja por conta dos equipamentos transportados e a preocupação de eventuais incidentes; também foi destacado que o próprio ato de apontar o celular ou câmera profissional para registro de uma fachada de casa ou equipamento urbano gerou alguma desconfiança por parte de pessoas nas localidades. Para dirimir essas desconfianças o recurso de conversa de apresentação, resumindo a natureza do trabalho que estava sendo feito permitiu, sem tantas recusas, a continuidade dos registros. Não é incomum esse tipo de experiência em campo, principalmente quando se utiliza recursos que demandem registros, fotos, gravações audiovisuais. Ainda assim, na dinâmica da pesquisa de campo foi possível seguir com os planejamentos levando em consideração algumas estratégias de retornos, enquadramentos outros, escolhas de outros espaços a serem fotografados, sempre tendo a dimensão da segurança e do respeito ao outro assegurados.

Nessa fase da pesquisa apenas fachadas de casas e equipamentos urbanos estavam no planejamento. Em momentos posteriores a inclusão de pessoas no uso de seus equipamentos habitacionais ou outras construções serão assimilados.

Na dimensão da construção do acervo imagético sobre a cidade de Macapá, a presente pesquisa avançou mais no sentido de aspectos que documentam a cidade em suas dinâmicas de transformações. Nesse momento da pesquisa o objetivo era registrar algumas periferias e as diferenças de seus aparatos habitacionais. Foi possível, portanto, conceber quase duas mil imagens em partes das periferias da cidade de Macapá. Esse é um trabalho que irá se expandir para todas as periferias e localidades da cidade de Macapá e Santana, montando, portanto, um banco de imagens sobre as faces das cidades.

Aqui o especto documental tem seu lugar. Os registros fotográficos contemplam recortes e temporalidades. É de fundamental importância observar a cidade em sua inadiável dinâmica de transformação e valorizar, nesse sentido, iniciativas que contemplem registros fotográficos e audiovisuais no tempo; para efeito de posteriores exercícios comparativos de acervos fotográficos ou imagéticos sobre a cidade são recursos valiosos de pesquisa.

Há ainda aspectos a serem explorados enquanto pesquisa sobre a cidade de



Macapá e sua urbanidade: as centralidades da cidade de Macapá; festas e celebrações na cidade; dinâmicas e urbanas e o grande Rio Amazonas, dentre outros recortes.

Por fim, para efeito de conclusão do presente texto, a pesquisa permitiu observar que os cenários das periferias da cidade de Macapá registradas por esse mapeamento fotográfico contemplam cenários de disputas na medida em que as feições habitacionais ilustram descompassos, diferenças e contigências em termos de condições socio-econômicas. Assim como há lugares com condições estruturais melhor resolvidas, com saneamento e pavimentação, há outros que mostram claramente essas carências estruturais. A natureza das disputas espaciais em espaços urbanos pode ser vista na perspectiva do que as imagens demonstram em sua realidade documental. Há disputa na ausência de política ampla de moradia o que enseja as ocupações, há disputas e lutas quando certas áreas da cidade mostram suas feições carregadas de carências em comparação a outras localidades da cidade. Há disputa quando o quesito resistência está presente, atualizado demandas, necessidades e dinâmicas, atualizado o cotidiano da vida nos contextos urbanos, e em Macapá não seria diferente.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia**: olhares fora-dentro. São Paulo: Estação Liberdade, EDUC, 2022.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. (orgs.) **Etnografia de Rua**: estudos de antropologia urbana. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Antropologia da e na cidade**: interpretações sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

HANNERZ, Ulf. **Explorando a cidade**: em busca de uma antropologia urbana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SENNETT, Richard. **Construir e habitar**: ética para uma cidade aberta. Rio de Janeiro: Record, 2018.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Itapevi, SP: Nebli, 2016.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; VOLOCHKO, Danilo; ALVAREZ, Isabel Pinto (orgs.). **A cidade como negócio**. São Paulo: Contexto, 2018.



CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (orgs.) **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2019.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Espaços fechados e cidades**: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SEGAUD, Marion. **Antropologia do espaço**: habitar, fundar, distribuir, transformar. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

ALMEIDA, Ronaldo de; D'ANDREA, Tiarajú; LUCCA, Daniel de. Situações periféricas. Etnografia comparada de pobreza urbanas. **Novos Estudos**, 82, 2008, p. 109-130.

RITTER, Carlos; FIRKOWSKI, Olga L. C. F. Novo conceitual para as periferias urbanas. **Revista Geografar**, 2009, p.22-25.

FELTRAN, G. de S. Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana. **Revista De Antropologia**, v. 53, n. 2, 2012.

JESUS, Vitor de. Racializando o olhar (sociológico) sobre a saúde ambiental em saneamento da população negra: um continuum colonial chamado racismo ambiental. **Saúde Soc.** São Paulo, v.29, n.2, 2020, p.1-15.

